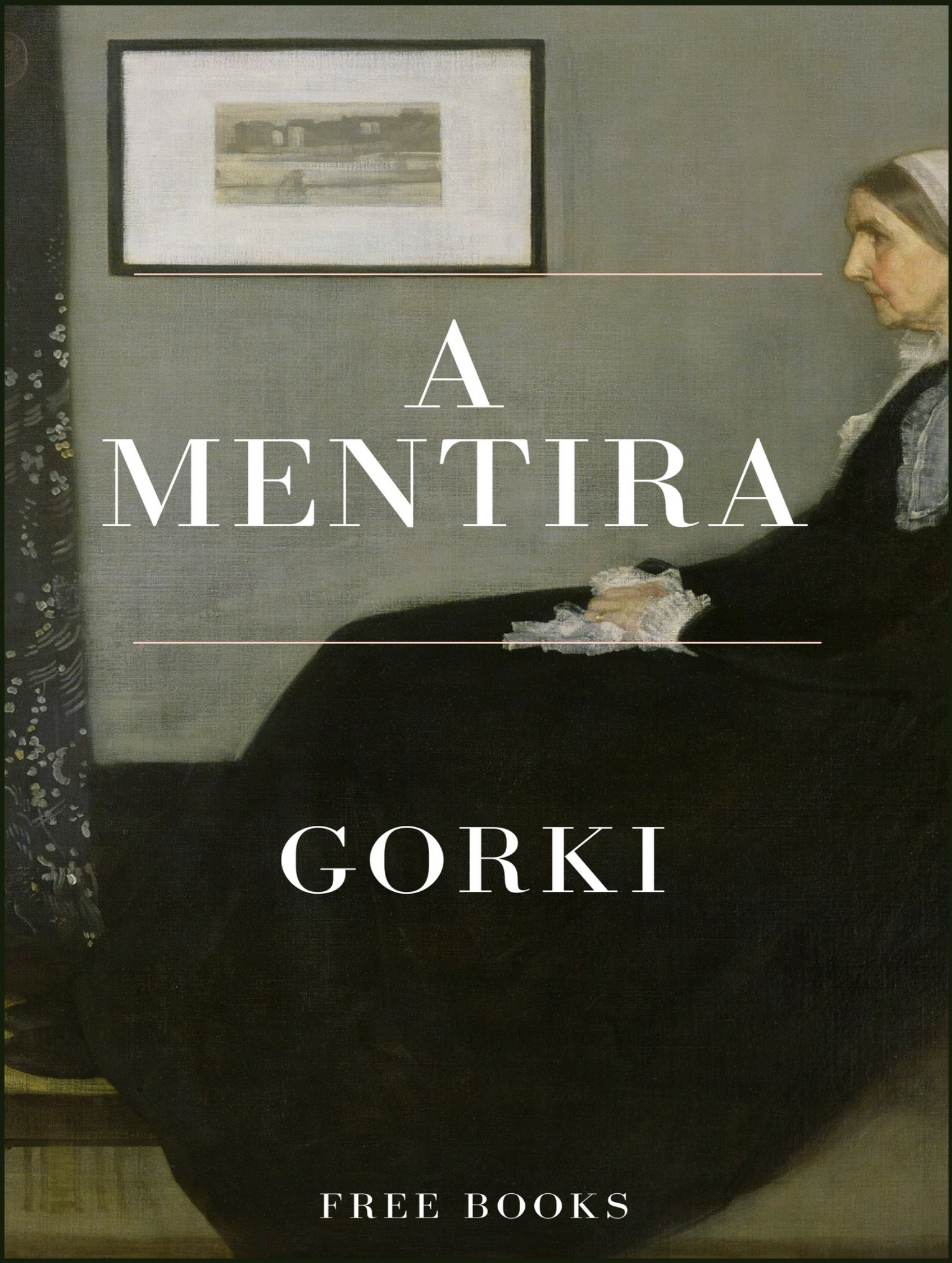

A MENTIRA

GORKI

FREE BOOKS

MÁXIMO GORKI

A MENTIRA

TRADUÇÃO DE FAUSTINO DA FONSECA

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

CONTO

Título: A MENTIRA.

Autor: Máximo Gorki (1868 – 1936).

Tradução: Faustino da Fonseca (1871 - 1918). Obra publicada originariamente na Collecção das Leis da Província de Mato Grosso, 1897, edição 00001. Fizeram-se adaptações textuais.

Imagem da capa: James Whistler (1834 – 1903).

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 39.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos: Original e tradução de domínio público (art. 41, da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998). Adaptação textual: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor.

Ano: 2017.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br,

www.contosdeterror.site

Sumário

A MENTIRA

SOBRE O AUTOR

A MENTIRA

Vivia ele com a sua velha mãe. Tinha ela, nessa época, sessenta e três anos e a morte já a espreitava.

Ora, num mesmo dia, recebi duas cartas. Numa, ele me informava que não viria à minha casa; na outra — era uma carta de sua mãe —, a senhora perguntava-me se ele já tinha chegado. Suplicava-me que velasse pela sua alma e pelo seu corpo e lhe escrevesse dizendo-lhe como passávamos o tempo, como ele ia...

Li e reli essa carta e, diante de mim, erguia-se a imagem daquela mãe, tal como eu a conheci: achacada, doente e meigos os olhos brilhando de infinito amor pelo filho. A única preocupação de sua vida era o seu filho. Os seus únicos pensamentos voltavam-se para a felicidade dele.

— Devo dizer-lhe a verdade? — perguntei a mim mesmo.

...Há uma verdade que é necessária ao homem, porque lhe purifica o coração, limpando-o de manchas e de grosserias. Esta verdade consiste no horror à vergonha. Que ela viva sempre, porque é nobre.

...Há outra verdade, que é como uma pedra caída sobre a cabeça de um homem: anula-se a vontade de viver. Que desapareça tal verdade.

Se eu dissesse a essa mãe que o seu filho tinha desaparecido para sempre, matá-la-ia de um golpe e isso era o melhor que poderia acontecer... Mas se ela não morresse com esta ignóbil e horrível verdade, todo o ideal da sua vida seria destruído, os últimos dias de sua existência seriam envenenados por uma dor intolerável, por um desespero inútil e cruel.

Durante vinte e oito anos de trabalho e de sofrimentos, tinha resumido todas as suas dedicações no amor do filho. E eis que, perante a morte dele, lhe era arrebatada essa consolação única: a felicidade de saber que seu filho era homem, que era forte e podia afrontar as batalhas da vida sem o auxílio de sua mãe. E ele — acreditava-o firmemente —, ele sairia vencedor... E eu dir-lhe-ia: ele foi vencido!

Não, valia mais mentir.

Assim morreu a mãe, acreditando na felicidade de seu filho. Durante esse

tempo, ele — o pobre rapaz — esperava, numa prisão longínqua, a sua transferência para as regiões frias e malditas do degredo.

Não é interessante e bonita esta história? Mas lamento somente uma coisa: fui eu que a inventei completamente.

SOBRE O AUTOR

Máximo (Maksim) Gorki, pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov (1868 – 1936), um dos maiores romancistas da história da literatura russa, dedicou-se, também, ao jornalismo, à dramaturgia e ao conto. Órfão, teve uma infância pobre: abandonou a escola para trabalhar e não perecer de fome. Amigo de Liev Tolstói e Anton Tchekhov, foi, também, ativista político comunista, o que lhe rendeu prisões e exílio. Sua morte, atribuída a uma pneumonia, é ainda hoje controversa. Trótski acusou Stalin — que sepultou o escritor com honras militares — de tê-lo envenenado. Stálin fez o mesmo.